



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

ANA PAULA NOVAK

**RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM MAPEAMENTO DE PESQUISAS REALIZADAS NO PERÍODO DE 2000 A 2016 EM
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE TRÊS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DO SUL DO BRASIL.**

**CHAPECÓ
2017**

ANA PAULA NOVAK

**RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL:
UM MAPEAMENTO DE PESQUISAS REALIZADAS NO PERÍODO DE 2000 A 2016 EM
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE TRÊS UNIVERSIDADES
FEDERAIS DO SUL DO BRASIL.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Licenciatura em Pedagogia da Universidade
Federal da Fronteira Sul.
Orientadora: Prof^ª Dra. Andréa Simões Rivero

CHAPECÓ

2017

ANA PAULA NOVAK

**RELAÇÕES ENTRE FAMÍLIAS E INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO
INFANTIL:**

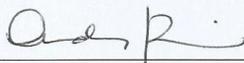
UM MAPEAMENTO DE PESQUISAS REALIZADAS NO PERÍODO DE 2000 A
2016 EM PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DE TRÊS
UNIVERSIDADES FEDERAIS DO SUL DO BRASIL.

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção
de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul.
Orientadora: Prof^ª Dra. Andréa Simões Rivero

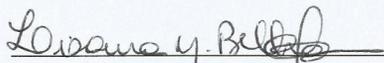
Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:

19/07/2017

BANCA EXAMINADORA



Prof.ª Dra. Andréa Simões Rivero – UFFS



Prof.ª Me. Lisaura Maria Beltrame – UFFS



Prof.ª Me. Dariane Carlesso - UFFS

RESUMO

Este artigo configura-se como trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia, da Universidade Federal da Fronteira Sul, do *campus* de Chapecó (SC). Realizou-se um levantamento junto aos Programas de Pós-Graduação em Educação de três Universidades Federais do Sul do Brasil, com a finalidade de localizar dissertações e teses que abordassem as relações entre famílias e instituições de educação infantil no período compreendido entre os anos de 2000 a 2016. O objetivo geral foi o de conhecer o que está sendo investigado sobre as relações entre as famílias e instituições de educação infantil no âmbito das produções teóricas da área da educação infantil, assim como mapear os focos de investigação e objetivos das pesquisas desenvolvidas sobre a temática; verificar se a perspectiva dos sujeitos envolvidos - criança, família e profissionais - são contempladas; identificar as concepções de família, criança e educação infantil evidenciadas nas pesquisas; e conhecer as contribuições teórico-metodológicas e indicativas das pesquisas no que tange aos contextos de educação infantil. Localizou-se somente duas dissertações de mestrado sobre a temática, ambas produzidas no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O fato de não terem sido encontrados outros trabalhos sobre a temática, no período delimitado, não nos permite afirmar a sua não existência nos programas. Para obtermos maior precisão no levantamento, seria necessário ampliar as palavras-chave ou descritores utilizados, assim como realizar as buscas em outros bancos de dados, o que não foi possível nos limites deste trabalho. Apesar do número reduzido de trabalhos encontrados, os mesmos apresentam inúmeras contribuições teóricas no que diz respeito ao conceito de família, e contribuem significativamente para a compreensão da importância e da complexidade dos aspectos que constituem relações entre família e creche.

Palavras-chave: Educação Infantil. Família. Relações família e instituição de Educação Infantil.

ABSTRACT

This article is the work of conclusion the graduation course in Education by *Universidade Federal Fronteira Sul* in Chapecó. Accomplished a survey with the Postgraduate studies programs in education three Federal Universities at South Brazil, with the purpose locating dissertations and theses, which addressed the relations between families and institutions child education in the period from 2000 to 2016. The general aim was knew what investigates about the relations between families and institutions at child education. Even as to map the research focus and objectives by the searches developed on the thematic; verify if the perspective of the subjects involved - child, family and professionals - are contemplated; identify the conceptions of family, child and child education are evidenced in the research; and know the theoretical-methodological contributions and the indicatives of the researches regarding the contexts of infant education. It was checked just two dissertations about this thematic, both produced in the

Postgraduate studies programs at *Universidade Federal de Santa Catarina*. The fact that it did not find another works about this thematic, in the limited period, does not allow us to affirm its non-existence in the programs. Furthermore to get more precision in the research will be necessary expand the key-words or the descriptors used, as well as make search in another database, what can not be possible in the limits of the work. Finally, it is still the small number of works founded; they present many theoretical contributions regarding the concept of family, and contribute significantly to understanding the importance and complexity about the aspects that constitute relationships between family and institutions of infant education.

Key words: Infant education. Family. Relationships between family and institutions of infant education.

INTRODUÇÃO

Estudos referentes às relações entre famílias e instituições de educação infantil vêm demonstrando a importância de refletir mais sobre esse assunto, e procurar ampliar o olhar sobre a questão. Este artigo apresenta uma pesquisa sobre as teses e dissertações publicadas em Programas de Pós-Graduação em Educação, acerca dessa temática. O levantamento das produções tem como marco inicial os anos 2000 estendendo-se ao ano de 2016, e o *lócus* da busca foram três universidades federais do sul do Brasil – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Pretendo, neste artigo apresentar a pesquisa realizada sobre as relações entre as famílias e as instituições de educação infantil a partir das fontes mencionadas, com vistas a ampliar a compreensão sobre os modos como essas relações se concretizam, e também sobre suas possibilidades.

O desejo de pesquisar sobre esse assunto nasce de dois momentos de minha formação acadêmica. O primeiro ocorreu com a abordagem do tema em um componente curricular, e o segundo deu-se durante um dos estágios curriculares, onde vários aspectos sobre essas relações foram recordados, devido a situações observadas.

Assim, a delimitação do objeto de investigação foi ocorrendo processualmente. Ao cursar o componente curricular de Ação Pedagógica na Educação infantil II, que abordou a temática em uma de suas unidades de estudo, foi possível conhecer algumas pesquisas sobre o tema e dar início às reflexões acerca do mesmo. Percebi que essas questões haviam passado despercebidas ao longo da minha formação mas, ao fazer as primeiras leituras sobre a temática, vieram a tona e me impactaram pelo fato de eu ignorá-las até então, e por isso não ter dado a devida atenção a elas. E depois no âmbito do Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil¹, realizado

¹ O Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, ocorreu na sétima fase do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS- *Campus* Chapecó – SC), no ano de 2016, e organizou-se em dois períodos, destinados à *observação participativa* e à *atuação docente*. Para a realização do estágio a turma foi organizada em grupos, que atuaram em vários Centros de Educação Infantil Municipais (CEIM). Nosso grupo era composto de oito acadêmicas. Para a *observação-participativa e atuação docente* nos organizamos em duplas, assumindo diferentes turmas de crianças (Berçário, Maternal e Pré-escolar) do campo de estágio. Cada dupla produziu um projeto de atuação docente para uma turma específica, com a qual realizou o estágio.

em uma turma de Berçário no primeiro semestre do ano de 2016, sobretudo durante a produção do relatório final, quando várias dimensões do tema tornaram-se objeto de leituras e reflexões.

No decorrer do estágio, alguns momentos foram marcantes, e por terem grande peso na definição do objeto, isto é, na decisão de pesquisar e estudar mais a esse respeito, merecem ser relatados. Uma das situações ocorreu no período destinado à observação participativa, logo ao chegarmos na sala do Berçário, quando uma das auxiliares² orientou-nos a ter muito cuidado com algumas crianças específicas, pois seus pais eram difíceis. Qualquer coisa que acontecesse com aquelas crianças, disseram-nos as profissionais, geraria um grande problema para elas. Especificaram ainda que uma das crianças era muito ativa, e que era para ficarmos atentas a ela, por já ter havido algumas discussões com sua mãe em função de coisas que aconteceram em sala. Nos informaram também que algumas crianças deviam ser alimentadas na boca para não se sujarem, pois as mães não gostavam e isso trazia problemas para as auxiliares. Naquele momento, embora já tivesse alguns elementos para analisar aquela situação, não suspeitava o quanto a relação entre profissionais e as famílias podia assumir contornos complexos e particulares, e ao longo das duas semanas que passamos ali pudemos perceber isso por meio de olhares e comentários feitos por ambas as partes – profissionais e famílias.

Ao finalizar a inserção no campo de estágio foi possível refletir sobre essas relações, e perceber as várias contradições existentes, entre elas o fato do contato diário com as famílias recair principalmente sobre as auxiliares. Finalmente decidi tornar essa problemática objeto de meu TCC.

Essas questões que, num primeiro momento da formação, passaram despercebidas mostram o quanto o tema precisa ser debatido no decorrer da formação inicial de pedagogos/as, devido à complexidade das relações entre profissionais, famílias e, sobretudo, por afetarem as crianças, pois é em função delas que tais relações, conforme determinam as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010), visam assegurar no campo educativo-pedagógico, a legislação contida no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990).

Ao ouvirmos o termo família somos remetidos à visões que aprendemos social e culturalmente. Uma visão bastante difundida é a da família dita tradicional, composta por pai e

² Nas instituições de educação infantil da rede de ensino de Chapecó, as auxiliares são profissionais contratadas temporariamente, que atuam juntamente à professora regente.

mãe, que geraram filhos após o casamento. Cláudia Fonseca, em uma palestra proferida em 2012, explica que esse modelo de família surge em um determinado contexto social e histórico:

Durante muito tempo o modelo da família conjugal das camadas médias ocidentais se impôs na ideologia como algo surgido diretamente da natureza. Idéia de família boa, ideal, [...] Esse modelo humano, historicamente circunscrito em um determinado contexto. Surgiu na Europa ocidental, num contexto consolidado, com uma estabilidade econômica, e num contexto de escola generalizada. (FONSECA, 2012, p.1)

Maistro (1997, p. 38) afirma que “(...) para estudar a família ou qualquer tema a ela associado, faz-se necessário superar a aparente naturalidade que existe neste conceito.” A partir de sua área de conhecimento, pesquisadores conferem à família significados segundo categorias operacionais condizentes com sua perspectiva, definindo-a sob vários aspectos. O campo da História, segundo a autora, aponta que:

o modelo nuclear de família, que hoje parece tão natural, só se efetivou por volta do século XVIII, com a privatização da instituição familiar e a passagem das funções socializadoras para o espaço mais restrito do lar. O "sentimento de "família" (Ariés, 1973); tão conhecido no século XX, resultou de uma transformação ocorrida em fins do século XVIII e início do século XIX, que passou de realidade moral e social a realidade afetiva. Esta seria produto de uma revolução qualitativa no terreno das representações mentais, ocorridas concomitantemente a outras importantes transformações econômicas, sociais e políticas da época. Segundo esses estudos, a família moderna teria trazido consigo novas posturas e comportamentos em relação às crianças, criando outras formas de intimidade entre pais e filhos e a supervalorização do amor materno. Este modelo de família nuclear - pai, mãe e filhos, inicialmente limitado à burguesia passou a ser um ideal para a maioria da sociedade após o primeiro período da industrialização. (MAISTRO, 1997, p.38)

Para a autora, apesar de contradizer a realidade social, o modelo de família nuclear é tomado como referência, levando à “(...) idealizações e normatizações, que acabam gerando crenças e expectativas no âmbito do cotidiano.” Assim, “corre-se o risco desta concepção de família também conhecida como “família nuclear” ser tomada como uma realidade em si, pronta e acabada, independente dos sujeitos que a vivem, o que tem como consequência imediata sua naturalização.” (MAISTRO, 1997, p. 40)

Parece fundamental, explica a autora, romper com tal modelo, possibilitando que outras formas, sejam reconhecidas e não simplesmente identificadas “ como ‘incompletas’, ‘irregulares’ ou ‘desorganizadas’: famílias chefiadas por mulheres, aquelas constituídas pelo pai com os filhos (famílias uni-parentais ou de pais singulares), as famílias extensas (compostas por avós, tios), e

outros tipos de organização familiar.” Para Maistro, tal ruptura possibilitará que diversas configurações possam surgir, como arranjos diversificados. Nesse sentido, segundo Bruschini *apud* Maistro "...famílias são grupos sociais dinâmicos, que estão em ' constante transformação, em virtude de processos demográficos, nascimento, casamento, morte - e socioeconômicos". (MAISTRO, 1997, p. 40)

Segundo a Constituição Federal de 1988 no art. 226 no parágrafo 3º o homem e a mulher são os sujeitos reconhecidos "(...) é reconhecida a união estável entre o homem e a mulher como entidade familiar". Entretanto, esta visão amplia-se ainda no parágrafo 4º " Entende-se, também, como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes."

Assim, podemos dizer que, na letra da lei, a família passa a ser compreendida e reconhecida não só como uma instituição formada a partir da díade homem e mulher, mas também quando se configura a partir de qualquer desses sujeitos. Essa ampliação pode ser considerada um avanço, em função de reconhecer algo que historicamente é realidade em nosso país há muito tempo, sobretudo nas camadas populares: configurações em que a mulher responsabiliza-se pela educação e cuidado de seus filhos.

No entanto, se entendemos que família é quem educa, quem cuida, quem sustenta e quem protege, torna-se necessário reconhecer e respeitar configurações familiares constituídas por vários sujeitos e relações. Significa, portanto, que há vários tipos de família. É nessa direção, por exemplo, que famílias constituídas por casais homossexuais lutam pelo reconhecimento legal.

No Brasil, profundas transformações se refletiram nas diferentes esferas do contexto familiar. A velocidade do processo de urbanização desde os anos 50, juntamente com a industrialização levou à redefinição dos papéis da mulher com sua maior participação no mercado de trabalho. A partir daí, apesar do atendimento caracterizar-se de modo precário, por meio de iniciativas isoladas e com forte cunho assistencialista, amplia-se o número de crianças de famílias de classes desfavorecidas que são levadas às creches, com o intuito de serem "cuidadas" enquanto suas famílias estão no trabalho. Simultaneamente, crianças das classes médias e altas tinham acesso a espaços que afirmavam ter um caráter pedagógico, e ofertavam atendimento em período parcial, atribuindo à figura materna sobretudo, a responsabilidade do cuidado das crianças no espaço doméstico.

No Brasil, a Educação Infantil pública, financiada pelo estado, é uma proposta relativamente nova, que toma forma na Constituição Federal de 1988, a partir do entendimento

de que a criança é sujeito social de direitos, e, portanto, cidadã brasileira. Nesse sentido, o artigo 208 da Constituição Federal determina que é responsabilidade do estado ofertar vagas para crianças de 0 a 6 anos, já que a educação infantil é direito de todos e dever do estado. Assim a “educação infantil passa, pela primeira vez no Brasil, a ser um direito da criança e uma opção da família.” (LEITE FILHO 2005, p. 2).

A partir da Constituição Federal de 1988, algumas leis e decretos foram criados para garantir que a criança seja respeitada em seus direitos. Um deles foi o Estatuto da criança e do adolescente (ECA - Lei 8.069/90) em 1990. O ECA afirma que a criança é um sujeito de direitos, reconhece suas peculiaridades, considera que ela é distinta dos adultos, e determina que tenha direito ao afeto, a brincar, a opinião, a ser cuidada, enfim a ser criança. Em 1994 começou-se a pensar a Lei de Diretrizes e Bases que só em 1996 foi publicada. Apesar da atual LDB (9394/96) só trazer três artigos que tratam da educação infantil, provoca grandes mudanças ao instituir a educação infantil como a primeira etapa da educação básica no Brasil. Assim, entre 1988 e 1996, as concepções de criança e de educação infantil, mudam de maneira significativa no Brasil, ao menos no plano legal.

A partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, foram elaboradas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 1998), com o intuito de assegurar às crianças pequenas no campo educativo-pedagógico, os direitos determinados no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990). Em 2009 é aprovada uma segunda versão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009), e esse documento afirma de modo claro um princípio - a *complementaridade entre educação infantil e famílias* no que se refere à educação e cuidado das crianças. Vejamos:

Art. 7º Na observância destas Diretrizes, a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve garantir que elas cumpram plenamente sua função sociopolítica e pedagógica:

II - assumindo a responsabilidade de **compartilhar e complementar a educação e cuidado das crianças com as famílias** (DCNEI, 2009. Grifos meus.)

Por trás da ideia do compartilhamento da educação e cuidado das crianças de zero a seis anos, por parte de instituições e famílias, no entanto, está a compreensão de essas duas instituições têm papéis distintos, como esclarece Albuquerque (2009):

O campo científico na área da educação infantil tem buscado reconhecer propostas que se comprometam com as infâncias, visando articular as dimensões do cuidado e da educação, percebendo-os não como opostos, mas como lados da mesma moeda e possuidores da mesma finalidade: contribuir para o desenvolvimento integral dos pequenos. A educação infantil tem como objetivo principal complementar a educação da família, portanto é uma educação que se dá no coletivo através das múltiplas interações sociais: criança/criança- criança/adultos,... Como espaço coletivo de cuidado/educação a instituição deverá promover experiências enriquecedoras, elaboradas por profissionais qualificados, portanto, compreende-se que a “qualidade destas interações” são diferenciadas. (ALBUQUERQUE, 2009, p. 71)

A partir da década de 90, porém, alguns estudos mostram que essa relação, entre contextos familiares e de educação infantil, é difícil e conflituosa, entre eles estão as pesquisas de Maistro (1997), Vitória (1999) e Albuquerque (2015), que evidenciam o ponto de vista das famílias e das profissionais das instituições de educação infantil.

Campos, Füllgraf e Wiggers (2006, p. 30) ressaltam:

(...) grandes bloqueios existentes no relacionamento entre educadores e pais de crianças pequenas, principalmente nos contextos onde a população atendida é identificada como pobre e marginalizada, mesmo que sua realidade não corresponda exatamente a essa imagem. Como remarcam alguns desses pesquisadores em suas conclusões, seria necessário que nas formações prévias e em serviço, essa questão fosse mais bem contemplada e debatida, propiciando uma visão menos fechada e preconceituosa dos profissionais, que lhes permita considerar as famílias em sua positividade, como portadoras de aspirações legítimas e de direitos, alcançando maior igualdade nessa interação.

Esses estudos também indicam a necessidade de uma ampliação do conhecimento sobre a temática.

2. O percurso da pesquisa

Ao iniciar o processo de construção do TCC retomei leituras já realizadas como Maistro (1999), Monção (2015), e iniciei outras, entre elas, Barbosa (2007), Carvalho (2005), Müller (2010), Vitória (1999) e Albuquerque (2009).

A medida que realizava as leituras, eu e minha orientadora discutimos o objeto de investigação, os recortes da pesquisa, e seus procedimentos metodológicos. Decidiu-se fazer um levantamento das pesquisas realizadas, no âmbito de Programas de Pós-Graduação em Educação de três universidades federais do sul do Brasil, com o objetivo de conhecer o que está sendo

investigado sobre as relações entre as famílias e instituições de educação infantil no âmbito das produções teóricas da área da educação infantil.

Definiu-se também os objetivos específicos relacionados a seguir:

- mapear os focos de investigação e objetivos das pesquisas desenvolvidas sobre a temática;
- verificar se a perspectiva dos sujeitos envolvidos - criança, família e profissionais - são contempladas;
- identificar as concepções de família, criança e educação infantil evidenciadas nas pesquisas;
- conhecer as contribuições teórico-metodológicas e indicativos das pesquisas no que tange aos contextos de educação infantil.

Antes de delimitarmos o *locus* da pesquisa realizei uma busca exploratória *on-line* em algumas bibliotecas, com a intenção de localizar resumos de monografias, dissertações e teses sobre o tema, nas duas maiores universidades da região Oeste de Santa Catarina - a Unochapecó e a Unoesc - utilizando as palavras-chave: “relações família e creche”, “creche e família”, “família e educação infantil”.

Na Unochapecó encontrou-se no Programa de Pós-Graduação, ao todo, dois trabalhos onde apenas os resumos estavam disponíveis. Eles estão apresentados no quadro abaixo.

Título/ modalidade do trabalho	Autor	Ano
Representações de pais e educadores sobre a participação da família na educação escolar, na perspectiva de uma escola cidadã (Monografia pós-graduação)	Saete Terezinha Nardi Patussi	2000
Para além dos muros do CEIM : limites e possibilidades de participação da família (Monografia pós-graduação)	Margarida Hilga Klier Kammler.	2000

Fonte: Elaborado pelo autor.

Já na Unoesc foram encontradas seis monografias, no âmbito da Pós-Graduação em Educação, no período de 2000 à 2010, dos Campus de Xanxerê, Joaçaba e São Miguel do Oeste. No entanto, apenas os títulos, autores, orientadores, datas e municípios estão disponíveis, não tendo sido localizados os resumos. Os trabalhos encontrados são apresentados no quadro a baixo.

Título/ modalidade do trabalho	Autor	Ano
A importância da relação família e escola no processo de ensino e aprendizagem na educação básica. (Monografia pós-graduação)	Vivian Pagnussato Zaroni	2010
A escola e a família na construção de valores nas crianças diante dos desafios atuais. (Monografia pós-graduação)	Marines Antonelo	2005
A articulação da família e escola na alfabetização das crianças das séries iniciais do ensino fundamental. (Monografia pós-graduação)	Neiva Lucia Piasseski	2004
A articulação família/Ceim no processo de adaptação da criança na educação infantil. (Monografia pós-graduação)	Marilei S. Debstiani	2004
Família e Escola : parceiras ou rivais no processo de formação para cidadania? (Monografia pós-graduação)	Alessandra Nichele Magro	2003
Família e Escola. (Monografia pós-graduação)	Rosane França	2000

Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora tenhamos localizado algumas produções sobre a temática em universidades da região oeste do estado, diante da impossibilidade de acesso aos trabalhos na íntegra, tomou-se a decisão de ampliar as busca em outros ambientes.

Em um segundo momento, realizei consultas junto ao *site* da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Entre os Grupos de Trabalho nos quais a ANPEd disponibiliza os artigos científicos apresentados em suas reuniões, delimitamos o Grupo de Trabalho 07 (GT 07) para fazer a busca, devido ao fato do referido GT abranger especificamente as pesquisas sobre educação de crianças de 0 a 6 anos. No período de 2000 à 2016, encontrou-se dois artigos apresentados no quadro abaixo.

Título/ modalidade do trabalho	Autor	Ano
A inserção de crianças na creche: um estudo sobre a perspectiva dos pais (Artigo)	Eliana Bhering Alessandra Sarkis	2007

As concepções sobre o sistema público de educação infantil de mães que utilizam e que não utilizam creches (Artigo)	Catarina de Souza Moro	2004
--	------------------------	------

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em função de ter localizado apenas dois resumos em universidades da região Oeste do estado de Santa Catarina, e somente dois artigos na ANPEd, decidiu-se expandir, conforme expliquei anteriormente, a busca *on-line* de produções realizadas no âmbito de Programas de Pós-Graduação em Educação de três universidades federais capitais da região sul do país - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Realizei, nas bibliotecas dessas instituições, buscas de teses e dissertações, no período de 2000 à 2016, utilizando das seguintes palavras-chave: “relações família e creche”, “creche e família”, “família e educação infantil”, “família”. Tais buscas foram feitas três vezes em cada instituição no decorrer da pesquisa, entre os meses de agosto de 2016 e janeiro de 2017.

Na continuidade do texto apresentarei os resultados das buscas realizadas.

3. O que apresentam as dissertações sobre as relações entre as famílias e instituições de educação infantil?

Nessa parte do texto, apresentaremos inicialmente os artigos selecionados no decorrer do levantamento, e a seguir destacaremos nos mesmos os aspectos localizados a partir dos objetivos da pesquisa.

Na *Universidade Federal de Santa Catarina* (UFSC) localizou-se seis dissertações de mestrado, contudo, após a leitura de seus resumos, verificou-se que, dos seis trabalhos encontrados, apenas dois tratavam efetivamente do tema de pesquisa, representados no quadro abaixo em negrito. Para dar visibilidade aos trabalhos, organizamos um quadro com os seguintes dados: a universidade/programa de pós-graduação ao qual pertence o trabalho; ano de publicação; título e modalidade do trabalho e autores. Vejamos abaixo:

Quadro 1: Teses e dissertações localizadas no âmbito do PPGE/UFSC

UNIVERSIDADE	ANO	TÍTULO / MODALIDADE	AUTOR
--------------	-----	---------------------	-------

/PPGE		DO TRABALHO	
UFSC	2002	A boa creche do ponto de vista das professoras da Educação Infantil. (Dissertação de mestrado)	Roseli Nazário
UFSC	2003	O espaço da creche: que lugar é este? (Dissertação de mestrado)	Kátia Adair Agostinho
UFSC	2003	Creche e família: uma relação possível? (Dissertação de mestrado)	Aucy Bernini Braga
UFSC	2005	Crianças e adultos na creche: marcas de uma relação. (Dissertação de mestrado)	Altino José Martins Filho
UFSC	2007	Educação infantil para além do discurso da qualidade: sentidos e significações da educação infantil para famílias, professores e crianças. (Dissertação de mestrado)	Janaina da Silva João
UFSC	2008	Educação infantil e família: a complementaridade na perspectiva das famílias de baixa renda. (Dissertação de mestrado)	Eloisa Helena Teixeira Fortkamp

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na *Universidade Federal do Paraná* e na *Universidade Federal do Rio Grande do Sul* não foi localizada nenhuma dissertação e/ou tese sobre a temática no período de 2000 a 2016.

O fato de não terem sido encontrados outros trabalhos sobre a temática, no período delimitado, não nos permite afirmar a sua não existência nas instituições. Para obtermos maior precisão no levantamento, seria necessário ampliar as palavras-chave ou descritores utilizados, assim como realizar as buscas em outros bancos de dados, o que não foi possível nos limites deste trabalho. Na continuidade do texto, apresentarei alguns destaques e reflexões sobre as dissertações encontradas, guiando-me pelos objetivos deste trabalho.

4.1 O que encontramos sobre as relações entre família e instituições de educação infantil nas dissertações localizadas?

O primeiro trabalho analisado, intitulado *Creche e família: uma relação possível?*, foi realizado em 2003, por Aucy Bernini Braga. A autora concluiu sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Trata-se de um estudo sobre a relação entre profissionais de uma turma de berçário de uma instituição infantil da periferia de Florianópolis e as famílias dessas crianças. O trabalho realizou um percurso teórico-metodológico muito interessante e significativo, apresentado durante o texto a seguir.

Para a autora, é importante desnaturalizar os conceitos de criança, família e creche para que seja possível pensar numa boa relação entre essas instituições. Nesse sentido, Braga (2003, p.19) afirma que para que essa relação se construa é preciso “definir qual criança, de qual creche e de qual família está se falando, a que época e a que sociedade pertencem”. Nessa perspectiva, a autora fundamenta-se em vários autores, que a auxiliaram a compreender a importância de conhecer de que crianças se está tratando. Autores como Pereira (1997), que trata do papel e da função social imposta às crianças, Sarmiento (1999), que discute as construções sobre criança e as imagens da infância construídas historicamente; Spaguiari (1998), que reflete sobre o protagonismo da criança.

O objetivo da pesquisa, segundo a autora, “é identificar e evidenciar elementos positivos existentes nas relações entre creche e famílias, que permitam adjetivá-la como uma *boa relação*. (BRAGA, 2003, p.10)”. Sobre o que significaria a expressão “boa relação”, Braga explicita que

[...] pode-se dizer que uma boa relação entre creche e família é aquela que, no espaço das significações de um determinado grupo (famílias, crianças e profissionais), responde as suas necessidades, pela promoção de diálogo e de escuta, de compreensão e colaboração recíproca, no compartilhar de vivências e experiências, na receptividade nos locais de encontro. (BRAGA 2003, p.10)

O objeto da investigação, conforme explicita a autora, originou-se de questões e dilemas relacionados à falta de conhecimento sobre a vida das crianças e de suas famílias, os quais permearam o cotidiano de sua atuação como auxiliar de sala de uma turma de berçário numa creche pública do município de Florianópolis. Segundo ela “Esse desconhecimento não pressupunha falta de contato com as famílias, pois havia um relacionamento profissional cordial” (BRAGA 2003. p,11)

Ao iniciar a pesquisa na instituição, que era ao mesmo tempo campo de pesquisa e seu local de trabalho a autora deparou-se com dificuldades, segundo explica: “meu envolvimento com a creche e com as crianças foi se mostrando um elemento complicador, na medida em que dificultava um distanciamento dessa realidade”(BRAGA 2003. p,11) Assim, pensando na necessidade de construir um olhar que possibilitasse manter a imparcialidade durante o processo de pesquisa, a autora procurou uma instituição diferente daquela em que trabalhava para realizar a investigação.

A amostra da pesquisa é constituída por duas populações: a dos *informantes*, composta por agentes e representantes da comunidade onde a creche está situada, e a da instituição de educação infantil, denominada como a dos *investigados*, composta por seis profissionais da turma de berçário (duas auxiliares de sala e quatro professoras) e por quinze famílias das dezesseis crianças da turma do berçário integral. A pesquisa foi feita através de entrevistas gravadas, filmagens, análise documental e bibliográfica, questionários, observações e registros.

A instituição de educação infantil pesquisada estava localizada na periferia de Florianópolis, tendo apenas quatro anos de fundação, e era fruto de reivindicações dos moradores da região. Segundo Braga (2003), conforme informa o Projeto Político Pedagógico (1998) da instituição, “a creche foi criada para atender a necessidade da comunidade local de ter um lugar que possibilitasse um trabalho educativo com os filhos das mães trabalhadoras”.

Um dos principais critérios para conseguir vaga na creche consistia em um dos pais terem atividades remuneradas e ter a menor renda per capita. Assim “ a família que tem a renda *per capita* mais baixa garante as primeiras vagas para suas crianças” (BRAGA 2003, p.59)

A turma pesquisada era composta por dezesseis crianças, sendo sete meninos e nove meninas com idades entre três meses e dois anos.

Das quinze famílias entrevistadas, quatorze eram mães e uma era irmã das crianças.

As famílias entrevistadas tinham renda de um a cinco salários mínimos, com níveis de escolaridade variado entre os pais. “ Dentre as mães, encontra-se desde aquela que nunca frequentou a escola até aquela que está cursando nível superior; já com os pais prevalece o ensino fundamental e apenas um concluiu o ensino médio.” (BRAGA 2003, p.59). A autora traz também informações sobre as casas onde as famílias moravam, destacando que quatorze delas eram próprias (das famílias), e na sua maioria de alvenaria. Apenas três famílias não moravam na comunidade ou próximo à instituição de educação infantil.

Braga indica que no contexto investigado “ é possível dizer que a criança tem sido entendida como o foco da relação que se estabelece entre ambos e seu protagonismo é destacado” (BRAGA, 2003, p.23). Para isso ela se apoia nas observações e nas entrevistas realizadas. Entre as falas das entrevistadas sobre esse aspecto está a da professora Nívea que diz:

O profissional é um ser humano, ele precisa enxergar que assim como ele ensina, ele também aprende. Ele deve identificar as diferentes necessidades da criança, suas várias linguagens, ele (o profissional) cria condições para a criança vivenciar, explorar ambientes... e deve perceber as relações que estão sendo construídas e contribuir para que tudo isso se dê da melhor forma possível (Nívea – professora entrevistada em 16/10/02). (BRAGA 2003, p.23)

No que diz respeito a creche, além de trazer os artigos legais que tratam sobre o papel e as especificidades da instituição, a autora refere-se especificamente sobre a instituição pesquisada, a organização, as práticas e a gestão democrática existente nela. Braga expõe, a partir da fala da diretora, como ocorrem as reuniões na instituição, cujo propósito é o de pensar e organizar as atividades com as crianças de acordo com os objetivos comuns das famílias e da instituição.

No início das atividades do ano, a gente senta e organiza a sala de um jeito para receber as crianças, daí temos um mês de observação para conhecer as famílias e as crianças, pra ver as necessidades e modificar o PES e o PPP, depois a gente faz uma reunião pedagógica com os professores para planejar diante das necessidades, a partir do relatório de observação que elas (as professoras) fazem, nele tem o que os pais querem, o que eles dizem...” (Valéria entrevistada em 18/10/2002). (BRAGA 2003, p. 26)

Em vários momentos do texto a autora apresenta as falas dos atores pesquisados sobre a abertura “[...] à escuta e ao diálogo freqüente para a busca de uma gestão que contemple as necessidades e expectativas dos protagonistas da creche” (BRAGA 2003, p. 28). Isso é evidenciado na fala da professora Nívea, contemplada por Braga:

[...] no momento que elas tavam falando (as mães), como é que eu vou dizer, vamos supor, o assunto da mordida, que elas vieram comentar, a gente, em cima disso, tentava trabalhar em sala (com as crianças) a questão da agressividade. Através da angústia delas (das mães), ou dúvidas sobre determinados assuntos, através disso a gente tentava trabalhar em sala essas questões, pra tentar melhorar nosso trabalho... então existia uma relação de respeito, de confiança e, por isso, acho, existe um complemento, porque tá se buscando, tá se trocando, existe uma ajuda mútua (Nívea – professora entrevistada em 16/10/02).

De acordo com a autora, as expectativas e necessidades das famílias eram atendidas, segundo suas próprias falas, no entanto, as decisões eram tomadas pelas profissionais a partir das interpretações delas sobre as necessidades apresentadas.

Sobre a família, a autora discute as mudanças históricas do modelo de família tradicional. Para isso sustenta-se em autores como Szymanski (2001), que discute as visões que compreendem família “[...] como um ideal a ser alcançado, entendida como a certa, a boa, a desejável, determinada, dessa forma, em uma dada sociedade e em um determinado período histórico” (BRAGA 2003, p.30) e o conceito de família vivida “[...] entendida como o modo de viver cotidiano das famílias reais.” (BRAGA 2003, p.30)

Braga enfatiza que “Para a finalidade deste estudo, torna-se importante entender a família enquanto instituição socializadora e educativa na relação que estabelece com outros segmentos da sociedade, por exemplo, com a creche.” (BRAGA 2003, p. 31). Com essa finalidade a autora busca amparo teórico para as discussões em alguns autores e pesquisas, que discutem as relações entre: criança, família e creche. Dentre os autores, estão Bondioli e Mantovani (1998), Bonomi (1998), Haddad (1987), Maistro (1997), Vitoria (1997), Fonseca e Oliveira et al (1998).

Os elementos da pesquisa são organizados e analisados a partir de três categorias: a *comunicação*, o *acesso* e a *interação*.

Essas categorias foram construídas com o intuito de organizar e perceber melhor como as relações aconteciam. A partir da categoria *comunicação* foram analisadas as formas dessa comunicação, “envolveu assuntos relacionados às formas de comunicação estabelecidas entre essas duas instituições – quais são e como elas se dão;” (BRAGA 2003, p.64). A categoria *acesso* possibilita evidenciar como esse acesso acontece no espaço físico da instituição, “visou saber quais as formas e os procedimentos utilizados para o acesso das famílias ao espaço físico da creche;”(BRAGA 2003, p.64). Por fim, a categoria *interação* buscou tratar do relacionamento entre as profissionais e as famílias: “este tema buscou tratar do relacionamento existente entre as profissionais e as famílias (a maneiras, as variações, as condições, existentes para o estabelecimento desta relação).” (BRAGA 2003, p.64). Assim, as análises recaíram sobre as falas e os diálogos de ambos os atores, em todas as categorias.

Ao discutir elementos obtidos na pesquisa a partir da categoria *comunicação*, a autora explicita que no contexto investigado, o diálogo acontecia diariamente, nos momentos em que as famílias deixavam e buscavam as crianças na creche. Tais diálogos vão muito além de conversas

sobre o que aconteceu com as crianças no dia, mas também sobre vivências e problemas das famílias. Além das conversas diárias, o telefone era usado como uma ferramenta para aproximar e oportunizar o diálogo com famílias que por variados motivos não podiam estar presentes todos os dias na instituição. A esse respeito destaco abaixo as falas de Salete e Nica, duas das mães entrevistadas por Braga.

[...] a gente sabe os trabalhos através da Míriam (filha mais velha que, às vezes, vai na creche), ou da “tia” (profissional da sala), por telefone, né! Elas (as profissionais) mesmo sabendo que eu não podia tá ali, né, acompanhando ele (o filho), elas passaram por telefone pra mim, né? Foi muito boa (relação), muito gratificante mesmo, elas (se referindo as profissionais) são pessoas que trabalham muito bem, tipo no berçário, quando ele começou, foi ótimo mesmo nosso relacionamento... (Salete – mãe entrevistada em 12/08/02). (BRAGA 2003, p. 69)

É porque eu tenho pouco contato, é mais via telefone, pouco vou na creche, porque ela (a criança) vai e volta de Kombi (transporte escolar). Até hoje eu conversei com a Keila, e ela contou que ela (a criança) tá bem diferente mesmo, né! Tá desenvolvendo mais... eu ligo (telefona), pra saber como é que tá, pra passar alguma coisa, né! Porque alguma coisa a gente passa... (Nica – mãe entrevistada em 01/08/02). (BRAGA 2003, p. 69)

As falas de profissionais e famílias demonstram que esses diálogos são amistosos e procuram sempre o melhor para as crianças. Além do diálogo diário, a comunicação aparece por meio de reuniões, entrevistas, festas e bilhetes. Isso está presente na fala de Cinha, uma das mães.

Eu converso com elas, eles (os filhos) contam, quando têm alguma coisa pra falar, elas falam comigo, a gente é amiga. Às vezes, tem bilhete, mas eu tô todo dia lá, aí a gente conversa. Todo dia na hora de levar e, às vezes, pra buscar, na hora da reunião ou quando precisa, daí elas chamam (por telefone) (Cinha – mãe entrevistada em 25/07/02). (BRAGA 2003, p. 68)

Outras formas de diálogo, apontada por Braga, foram as exposições de cartazes e fotos das atividades diárias da creche, percebidas pela autora durante a observação do espaço. No entanto, essa não foi identificada e apontada como uma maneira de comunicação nas entrevistas.

No que diz respeito ao *acesso* das famílias à instituição, os relatos da autora evidenciam que era proposta pela creche essa abertura. As famílias eram convidadas a participarem de momentos diários das crianças. Segundo Braga (2003, p. 74) “O acesso dos pais a todos os lugares da creche (salas, cozinha, direção, banheiros, parque, quadra, lavanderia, etc.) permite que eles conheçam o local, percebam sua dinâmica, compreendam o trabalho dos profissionais.”. Para as profissionais da instituição, o fato das famílias frequentarem os diferentes espaços

possibilita que percebam como a creche funciona, e como elas também podem auxiliar no desenvolvimento das crianças, como pode ser percebido na fala da professora Ester:

[...] tem alguns pais que eu consigo ter uma relação legal, seja de conversar através do nome mesmo, e entra (na sala), e, às vezes, já tá na hora da janta, dá a janta (famílias alimentam seus filhos), daí ele conversa com a gente, tem hora que é assim, bem legal. (Ester - professora entrevistada em 18/10/02).

Além de perceber os aspectos pedagógicos, as famílias também conhecem a estrutura física da instituição, demonstrando nas falas que o livre acesso proporciona uma aproximação benéfica para todos, que vai além do diálogo, como pode-se perceber na fala da mãe, a seguir:

De manhã vem o lanchinho, daí tem musiquinha, vão no parquinho, quando pode, né! Quando chega no horário 10:30hs, tem o almoço, daí vão descansar, tem o soninho. Logo que acorda tem o lanchinho, tem passeio no parque, brincadeira, trabalhinho, tem o cardápio (na cozinha e no salão), mas eu vou na cozinha, e daí pergunto o que tem de lanchinho hoje, porque na segunda-feira de manhã não tem frutinha, porque sexta-feira e segunda-feira à tarde vem tudo fresquinho, mas de manhã, às vezes, não tem uma frutinha, uma maçã, nada, daí eu compro, porque ela não pode comer nada de trigo. Eu gosto de tudo, os brinquedinhos, os livros acho legal, a paciência que elas têm.. (Silvia mãe entrevistada em 13/03/02).

Para a autora “A interação é aqui entendida como a construção de uma ação recíproca entre pais e profissionais, é algo fundamental para o trabalho com crianças pequenas nas creche.” (BRAGA 2003, p. 83). Nessa categoria, Braga evidencia que a existência de canais de acesso e comunicação proporcionam tanto à famílias como às profissionais distinguir os papéis educacionais de cada um, pois ambas as partes são responsáveis pela educação da criança e se ajudam para que o melhor seja proporcionado a elas. A fala da professora Branca é esclarecedora em relação a isso:

[...] mas o meio familiar é muito forte, e a família tem que ser companheira da creche. A gente tem que andar junto e falar a mesma língua, né? Entrar num acordo, cada um respeitando seus limites... cada um respeitando o que o outro fala, família tem seus limites, e a creche também tem, respeitando, os dois tem que caminhar juntos, sempre visando o bem-estar da criança, o objetivo é o bem-estar e o desenvolvimento da criança... porque eu penso que se eu não conhecer as famílias, eu não vou poder trabalhar com a criança..._Não é dar palpite nem se meter, é estar visando, visando o bem-estar da criança, pela criança...né? (Branca - professora entrevistada em 22/10/02).

É uma relação de respeito às diferenças, de troca e principalmente de trabalho conjunto como está presente na fala da mãe, logo a seguir:

Eu sei que a professora tem obrigação de dar educação, mas que é uma continuidade, é uma troca, porque acaba pegando carinho e a gente também, porque o que as professoras passam, o que elas transmitem, infelizmente eu não tenho oportunidade, né? (Nica - mãe entrevistada em 01/08/02).

Pode-se observar que na instituição pesquisada há muitos indícios de uma boa relação entre as famílias e as profissionais que atuam nela, como a autora enfatiza em vários momentos. Segundo Braga, os elementos dessa boa relação são o diálogo, o amplo acesso aos espaços e as relações de respeito estabelecidas, as quais, segundo a autora:

[...] foram capazes de demonstrar a possibilidade de uma boa relação entre as instituições, através das condições criadas nas práticas sociais cotidianas, permitindo o enfrentamento de situações que envolvem a educação das crianças na creche e soluções possíveis para resolver problemas comuns e atender as necessidades e expectativas dos protagonistas. (BRAGA 2003, p.94)

As relações, demonstradas na pesquisa, não acontecem a partir de uma receita ou um modo único de fazer, mas sim de uma construção cotidiana, onde famílias e profissionais têm em comum a educação da criança como objetivo principal das relações. Para Braga, “A clareza de que é um processo construído cotidianamente rompe com a falsa idéia de que existam receitas e estratégias prontas capazes de resolver as questões que se apresentam de forma generalizada.” (BRAGA 2003, p. 95)

Para a autora, as práticas dessa instituição poderão ser repetidas em outras creches, a partir do momento em que os documentos legais delas demonstrarem a importância dessas relações, e quando o tema for amplamente discutido durante a formação inicial, “[...] a necessidade do investimento na formação profissional, inicial e continuada, onde seja contemplada a questão do relacionamento com as famílias como especificidade de um trabalho que se realiza no cotidiano da creche.” (BRAGA 2003, p. 96)

Essa pesquisa demonstra que a concretização de uma boa relação entre essas instituições - família e creche – têm como pressupostos o respeito ao espaço de cada um, e a busca do bem estar da criança como um todo em primeiro lugar. Como alerta a própria autora, esse trabalho foi uma pesquisa preliminar, que não esgota de forma alguma o assunto, no entanto, vejo que há muito o que se pensar sobre os elementos trazidos à tona por essa pesquisa, inclusive se considerarmos o tempo que se passou desde a sua publicação.

Na sequência fiz a análise da dissertação de mestrado intitulada *Educação infantil e família: a complementaridade na perspectiva das famílias de baixa renda* (2008), de autoria de Eloisa Helena Teixeira Fortkamp. O trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, e a autora “[...] tem como tema central a relação entre a educação infantil e a família, com objetivo de compreender, por meio de um estudo de caso, se e como, do ponto de vista da família, ocorre a “complementaridade” nessa relação”. (FORTKAMP 2008, p. 14). Esse tema foi levantado com base em vivências pessoais e profissionais da autora, enfatizadas por ela na descrição de sua trajetória profissional. Fortkamp relata seu percurso de discussões sobre as relações entre família e creche iniciado em 1990, quando assumiu uma turma de bebês, o que a levou a perceber a importância dessas relações.

Inicialmente a autora faz referência aos documentos legais que amparam a educação e o cuidado com a infância - Constituição de 1988 e a LDB 9394/96 -, e baseando-se nelas procura explicar “(...) como a relação entre educação infantil e as famílias é ‘complementar’.”(FORTKAMP 2008, P. 17).

Merece destaque o fato de Fortkamp ter realizado, em sua dissertação, uma pesquisa em resumos de teses e dissertações publicadas nas principais plataformas de dados e estudos sobre o levantamento de produções científicas da área, possibilitando o acesso às contribuições de cada trabalho e autor encontrado sobre a temática. Entre eles salienta-se as pesquisas de CÔRREA (2001), DUARTE (1997), FONSECA (2000), HASCKEL (2005), MAISTRO (1997), MARTINEZ (1998), HADDAD (1987), FERREIRA E VITÓRIA (1993); CAMPOS, FÜLLGRAF e WIGGERS (2005); ROCHA (1999) SILVA e STRENZEL(1997); STRENZEL(2000).

Fortkamp considera (2008) “(...) a família uma dentre tantas instituições que vêm sentindo as profundas e aceleradas transformações pelas quais passa a humanidade no mundo contemporâneo e que demandam novas organizações sociais.” (FORTKAMP 2008, p. 16). Segundo a autora, essas transformações e mudanças trazem novos desafios “ (...) e um deles é compreender se e como a relação entre a educação infantil e as famílias é “complementar.” (FORTKAMP 2008, P. 17).

A pesquisa foi realizada em uma creche da rede municipal de Florianópolis, situada na parte continental da cidade. A autora vai em busca de informações e relata a história da

comunidade em que a instituição está inserida, e faz o mesmo sobre as famílias residentes naquele contexto. Segundo a autora “Abordar a trajetória da creche é tarefa de grande complexidade, pois implica trazer o contexto do qual a creche faz parte, sua comunidade, seus protagonistas: as famílias, as crianças e os profissionais da unidade.” (FORTKAMP 2008, p. 33). Para ela ainda, “sistematizar essa trajetória foi um dos desafios deste estudo, principalmente por se tratar de um assunto pouco documentado.” (FORTKAMP 2008, p. 33). Fortkamp apresenta os dados atualizados sobre a instituição, as famílias e crianças atendidas, os profissionais, e também sobre a estrutura física, a alimentação, a proposta pedagógica e a organização e funcionamento da instituição. A pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica, entrevistas, questionários, observação e anotações do diário de campo e análise de documentos da instituição.

Sobre a relação da comunidade e da creche, a autora explica que diferentemente do espaço em torno, a instituição é bem cuidada pela comunidade, não sendo danificada e depredada como outros espaços públicos existentes nessa comunidade, “o fato de toda a iluminação da comunidade estar danificada, mas, em torno da creche, todas estarem em perfeito funcionamento revela o apreço dos moradores da comunidade com o local.”(FORTKAMP 2008, p. 38). Os problemas de segurança e drogas, existentes no contexto pesquisado, também são relatados pela autora.

Segundo a autora, a creche nessa comunidade vai além do espaço de ensino, ela dá suporte à comunidade de várias formas, como telefone, xerox e outros.

A creche é o espaço onde as famílias solicitam a utilização do telefone, em caso de necessidade, já que na comunidade inexistem telefones públicos. É o único espaço com máquina de xerox, solicitado pelos moradores quando dele precisam. Também é onde buscam orientações sobre consultas médicas, funerais, questões jurídicas, psicológicas, dentre outras. (FORTKAMP 2008, p. 38).

Como a instituição não possuía todos os dados de que a pesquisa necessitava sobre as famílias, então a autora propôs uma entrevista para coletar os dados que estão presentes no seu trabalho. Após esse levantamento, a pesquisa foi realizada com 10 famílias de diferentes turmas da instituição, e também com os gestores e profissionais da creche. As famílias foram escolhidas pela diversidade de sua organização, como explica a autora:

Foram escolhidos grupos familiares heterogêneos, ou seja, priorizando-se a diversidade de organização dos arranjos familiares. Foram entrevistadas famílias cujos pais são casados ou vivem em união estável; pais e mães separados que criam seus filhos

sozinhos ou com novos companheiros; mães solteiras; avós responsáveis⁵⁶ pelas crianças e casais homossexuais. Diversificou-se a seleção em relação à idade das crianças, ou seja, ouviram-se famílias com crianças de três a seis anos de idade e considerou-se ainda a renda *per capita* dos integrantes das famílias, que varia de R\$10,00 a R\$432,00 mensais. (FORTKAMP 2008, p. 47).

Fortkamp realiza a pesquisa considerando as seguintes categorias de análise: a dimensão pedagógica, os direitos e as políticas públicas.

No que diz respeito à *dimensão pedagógica*, segundo a autora, as famílias deixam claro o entendimento de que o papel da creche é educar as crianças, num espaço de aprendizagens e vivências, de desenvolvimento das potencialidades das crianças. Essa visão está presente nas falas das famílias, como é possível constatar abaixo:

A creche é muito importante. Na creche ensinam, tem bastante educação. A gente, quando vai na rua, ela diz que não pode jogar lixo no chão, porque os rios vão secar. Não se joga pedra nos animais. Se ela vê uma criança jogando pedra num cachorro, ela fala. Ela está aprendendo a escrever. O nome dela ela já sabe fazer, tudo que ela sabe aprendeu aqui na creche (Família 3). (FORTKAMP 2008, p. 92).

A autora evidencia que a instituição se empenha para proporcionar às crianças um espaço que vá além do cuidado, possibilitando também integração e aprendizagem, tanto das crianças quanto de suas famílias. As atividades proporcionadas na instituição, propiciam vivências que as famílias, devido a sua situação financeira, não podem proporcionar às crianças como passeios por exemplo.

Gostamos de realizar apresentações de teatros, músicas, danças das crianças para as famílias. Achamos importante que as famílias valorizem o que as crianças têm de melhor, para que melhore a autoestima do pessoal da comunidade. Aqui todos têm muitos problemas, são drogas, alcoolismo, prostituição, violência. Os momentos de lazer são tão poucos que temos que valorizá-los (Gestora 1). (FORTKAMP 2008, p. 93).

Segundo a autora, “Para as famílias, o trabalho desenvolvido na creche cumpre as expectativas de educação e cuidado de seus filhos, uma vez que a indisponibilidade de tempo não lhes permite acompanhamento das necessidades básicas das crianças.” (FORTKAMP 2008, p. 94). Entretanto, a autora ainda afirma que a ação pedagógica da instituição fica muitas vezes restrita ao atendimento de necessidades básicas das crianças, que não são atendidas pela falta de condições das famílias.

Em algumas situações, os profissionais da creche resistem, questionando as atribuições da família e da creche, e, em outros momentos, acolhem a demanda de atendimento das necessidades das crianças, baseados na compreensão de que é nesse espaço que as crianças têm garantida a maioria de seus direitos (Gestora 1). (FORTKAMP 2008, p. 93).

No que diz respeito à *dimensão dos direitos*, as famílias relatam que a creche supre as necessidades de alimentação, segurança e cuidado das crianças, fatores que não são possibilitados fora da instituição.

Já tive meus filhos aqui e agora estou acompanhando a neta que está sob a minha responsabilidade. Ela gosta muito das professoras, fala dos amigos, da comida. É um lugar seguro. Já que a comunidade é tão violenta, sinto muita segurança quando ela está aqui. Com a creche ninguém se mete, é um espaço que a comunidade respeita (Família 2). (FORTKAMP, 2008, p. 93).

É um espaço que segundo a autora “(...) simboliza a proteção das ‘ameaças’ que acontecem na comunidade, portanto, um espaço distinto” (FORTKAMP 2008, p. 98).

Para além disso, as famílias relatam a importância da alimentação das crianças na creche, a variedade de alimentos que elas têm acesso, coisas que a família não pode proporcionar. Segundo uma das famílias, é papel da creche:

Ajudar as famílias dessa comunidade, que precisam muito. As crianças que os pais não têm emprego precisam ter vaga na creche, para terem pelo menos alimentação e lugar seguro, senão ficam pelo meio da rua. Um dia desses encontrei nove crianças em idade de ir à creche soltas pela rua. Ficam ali até tarde da noite e não tem quem olhe. Precisa creche para essas crianças, essa aqui não dá conta de atender toda a comunidade (Família 9). (FORTKAMP 2008, p. 103).

A autora traz ainda falas e relatos sobre a falta de vagas e o desespero das famílias que não conseguem matricular as crianças na creche. Também há relatos sobre o medo das famílias de que, ao criticar a instituição, seus filhos percam a vaga que é tão difícil de conseguir.

Sobre a *dimensão das políticas públicas* a autora reflete sobre o fato de que em creches semelhantes à da pesquisa, onde as famílias são de baixa renda, a instituição assume papéis que não são de responsabilidade dela, e sim das políticas públicas. Uma das falas da gestora mostra que a creche está fazendo o papel das famílias, no que diz respeito à vacinação das crianças e ao acompanhamento de consultas das crianças, por exemplo.

A vacinação das crianças é realizada na creche, porque, se depender das famílias, muitas não levam no posto nem nas campanhas de vacinação. Pode acontecer também no dia da campanha da mãe estar trabalhando, a criança estar com febre ou doente, ou então a mãe cuidando de algum parente doente e não poder levar a criança. Se for vacinada na creche, garantimos a todas as crianças a imunização. O acompanhamento das professoras da creche às consultas, às vezes, levando as crianças, e, em outras situações, acompanhando os familiares é também a garantia de que podemos [creche] acompanhar o tratamento. Geralmente, são as crianças soropositivas as que necessitam de acompanhamento. Se as professoras conhecem o tratamento, podem colaborar e cobrar das famílias. Em muitos casos, os familiares não sabem ler e escrever. Esse fator também impossibilita a compreensão [na maioria dos casos, o analfabetismo fica velado, não possibilitando ao médico perceber as dificuldades de compreensão] (Gestora 1). (FORTKAMP 2008, p. 108).

As famílias, no entanto, reclamam da falta de ações que contemplem as crianças que não estão na creche, e mesmo as que estão, reivindicando espaços onde as crianças possam ficar pois a maioria delas fica pelas ruas da comunidade enquanto os pais trabalham. Para além das crianças, as famílias e a comunidade precisam de atenção do serviço público, e isso está enfatizado nas falas das entrevistas e no trabalho como um todo da autora.

No que diz respeito à relação entre as famílias e a creche Fortkamp não define um espaço para essa discussão, mas a faz durante todo o texto. Segundo a autora, “essa relação creche-família é também marcada por dificuldades, conflitos, encontros e desencontros, idas e vindas.” (FORTKAMP 2008, p. 41).

Embora não haja projeto formal ressaltando a relação da creche com as famílias, as práticas e posturas voltadas para esse objetivo estão contempladas no contato cotidiano com as famílias, tanto da porta de sala quanto em momentos de festas, em reuniões para discutir encaminhamentos coletivos em que as famílias que compõem o universo da creche são reiteradamente convocadas. Há também reuniões para apresentação da proposta pedagógica e avaliações individuais das crianças com os pais ou responsáveis. (FORTKAMP, 2008, p. 41).

As dificuldades dessa relação “está vinculada principalmente a problemas de saúde das crianças, que as impossibilita de frequentar a creche, acarretando descontentamento da família.” (FORTKAMP 2008, p. 42). Além disso, as greves, dias de reuniões pedagógicas, falta de água e outras situações que acarretem o não atendimento das crianças são motivos de descontentamento das famílias e que dificultam as relações com a instituição, como pode-se perceber na fala da família, abaixo:

Não gosto quando a creche pára, às vezes é greve, falta d'água. Isso cria um problema muito difícil de resolver, porque a gente não pode ir trabalhar e a patroa não entende que a creche não está funcionando. Agora mesmo a greve deixou muitas crianças sem creche e ficavam mesmo sem comida, às vezes, ficavam na rua sem ninguém para olhar e cuidar, choravam e ninguém atendia. Era muito triste (Família 4). (FORTKAMP, 2008, p. 99).

A partir das falas dos sujeitos entrevistados, a autora mostra a importância de que essa relação aconteça para perceber e proporcionar o melhor às crianças daquela comunidade. Por mais que essa instituição esteja muito mais voltada à assistência dessas crianças, o trabalho pedagógico não é deixado de lado, ressalta a autora, ele faz parte da prática diária e as famílias têm consciência da importância dele para que as crianças cresçam num ambiente diferente daquele que é oferecido a elas fora da creche.

A autora conclui afirmando que a legislação e as políticas públicas atuais não comportam todos os tipos de públicos atendidos pela educação pública, onde especificidades como a desta comunidade não estão contempladas. Entendemos necessário frisar que o recorte nas famílias de baixa renda foi uma proposta da autora para refletir sobre o papel da educação infantil e mostrar a importância da creche para essas comunidades, que muitas vezes só tem respaldo do serviço público em relação às crianças por meio dessa instituição. Por fim, a pesquisa possibilita percebermos o empenho e cuidado que os profissionais dessa instituição têm para com essas famílias, a comunidade e principalmente as crianças, buscando da forma que podem oferecer o melhor a elas.

5. Considerações finais

Desde o início desta pesquisa busquei entender um pouco mais sobre as relações estabelecidas entre famílias e instituições de educação infantil. O caminho teórico- metodológico percorrido trouxe-me vários sentimentos e aprendizados para futuras pesquisas.

As palavras-chave definidas para a realização das buscas *on-line* possibilitaram a localização de um número restrito de trabalhos sobre a temática, provocando alguns questionamentos sobre as possíveis razões da escassez de pesquisas sobre a temática nessas universidades. Por outro lado, se ampliássemos a busca em outros bancos de dados, inserindo novas palavras-chave, talvez localizássemos outras pesquisas. Assim, considerando que essa pesquisa têm um caráter introdutório, fica clara a importância de dar continuidade a ela, visando

rever e refinar as buscas já realizadas, assim como aprofundar a compreensão sobre o tema.

Embora tenha localizado somente dois trabalhos, a leitura de ambos foi muito importante, pois cada um deles trouxe contribuições sobre aspectos diferentes mas complementares, um acentuando mais as reflexões sobre as relações entre as famílias e as profissionais, e o outro ao mesmo tempo que discutiu essas relações se propôs a entender se a complementaridade da instituição na educação das crianças estava sendo percebida pelas famílias, além de ressaltar e denunciar a precariedade das condições de vida e a ausência de políticas públicas nos contextos em que vivem famílias de baixa renda. As duas pesquisas levam a perceber a importância e a complexidade de todos os aspectos levantados no âmbito das relações entre família e creche.

A leitura feita em ordem cronológica - primeiro a dissertação de 2003 e depois a de 2008 - me fizeram perceber os avanços nas discussões sobre a importância dessa relação para o bem-estar das crianças. Ambos os trabalhos mostraram que é em benefício das crianças que essas relações precisam tornar-se mais apropriadas, possibilitando que no dia a dia da instituição as crianças convivam com adultos que dialoguem permanentemente, de forma aberta e respeitosa.

Os trabalhos trazem em seus textos inúmeras contribuições teóricas no que diz respeito ao conceito de família, criança e educação infantil. Alguns dos autores referidos em ambas pesquisas já estavam presentes em minha formação, mas com muitos outros tive contato pela primeira vez, o que possibilitou uma ampliação dos conhecimentos sobre educação infantil e as questões que a rodeiam.

Algumas inquietações foram esclarecidas, mas outras surgiram no decorrer deste exercício de pesquisa, incentivando-me a continuar pensando e pesquisando sobre esse tema num futuro próximo, com a intenção de ampliar as pesquisas existentes, visto as inúmeras contribuições teóricas trazidas por esses trabalhos.

Referências

- ALBUQUERQUE, Simone Santos de. Educação infantil: das políticas públicas às lógicas e culturas dos contextos familiares. **Zero-a-Seis**, vol 11, n. 19, p. 68-92, jan/jun. 2009.
- BARBOSA, Maria Carmen Silveira. Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas Familiares: as socializações e a escolarização no entretecer destas culturas. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol 28, n. 100 - Especial, p. 1059-1083, out. 2007.
- BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). **Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva**. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino DiLeone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 1-37.
- BONOMI, Adriano. O relacionamento entre educadores e pais. In: BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). **Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva**. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino Di Leone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 161-172.
- BRAGA, Aucy Bernini. **Creche e família: uma relação possível?** 2003. 110f.. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4.ed. Organização do texto: Juarez de Oliveira. São Paulo:Saraiva. 1990. Série Legislação Brasileira.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. LEX: Legislação Federal e Marginalia. São Paulo, 1996.
- BRASIL. **Estatuto da criança e do adolescente**: Lei Federal nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília, 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm Acessado em: 07 de junho de 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica – Resolução 05/2009 – **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.
- FÜLLGRAF, Jodete; WIGGERS, Verena; CAMPOS, Maria Malta. A qualidade da Educação Infantil brasileira: alguns resultados de pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.
- CARVALHO, Ana M.O.T. Pais na creche: a arte do diálogo entre educadores e família. *Educ. Soc. Campinas*, vol 26, n. 91, p. 689-693, Maio/Ago. 2005.
- FONSECA, Cláudia. **Família conjugal moderna**. Mimeo. s/d

FONSECA, Marilde Juçara. Participação das famílias na Instituição Pública de Educação Infantil: limites e possibilidades. 2000. 115f.. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

FORTKAMP, Heloisa Helena Teixeira. Educação infantil e família: a complementaridade na perspectiva das famílias de baixa renda. 2008. 140f.. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

GUIMARÃES, Daniela. A relação com as famílias na educação Infantil: o desafio da alteridade e do diálogo. Nova Petrópolis. Nova Harmonia. 2012.

HADDAD, Lenira. A relação Creche-Família: relato de uma experiência. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, nº 60. p. 70-78, fev. 1987.

MAISTRO, Maria Aparecida. As relações creche-famílias: um estudo de caso. 1997. 184f.. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

LEITE FILHO, Aristeo. Rumos da Educação Infantil no Brasil. TEIAS: Rio de Janeiro, ano 6, nº 11-12, jan/dez 2005.

MONÇÃO, Maria Aparecida Guedes. O compartilhamento da educação das crianças pequenas nas instituições de educação infantil. *Cadernos de Pesquisa*. v.45, n.157, p.652-679, jul./set. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v45n157/1980-5314-cp-45-157-00652.pdf>
Acesso em: 18 novembro. 2015

MÜLLER, Fernanda. Um estudo etnográfico sobre a família a partir do ponto de vista das crianças. *Currículo sem Fronteiras*, v.10, n.1, pp.246-264, Jan/Jun 2010.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. A relação creche-famílias. In: OLIVEIRA, Zilma de Moraes et al. *Creches: Crianças, faz de conta & cia*. 6ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 114-120

PEREIRA, Ângela Maria Nunes Machado. A sociedade das crianças A'uw~e Xavante: por uma antropologia da criança. 1997. 216f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

SARMENTO, Manuel Jacinto (coord). Saberes sobre as crianças: para uma bibliografia sobre a infância e as crianças em Portugal (1974-1998). Braga, Portugal: Centro de Estudos da Criança: Editora Bezerra, 1999. p. 9-22.

SPAGGIARI, Sergio. Considerações Críticas e Experiências de Gestão Social. In: BONDIOLI, Ana; MANTOVANI, Susanna (orgs). *Manual de Educação Infantil: 0 a 3 anos – Uma abordagem reflexiva*. 9ª ed. Tradução: Rosana Severino DiLeone, Alba Olmi. Porto Alegre: ARTEMED, 1998. p. 96-113.

SZYMANSKI, Heloisa. A relação Família/Escola: desafios e perspectivas. Brasília: Editora

Plano, 2001. 95p.

VITÓRIA, Telma. As relações creche e famílias. PERSPECTIVA. Florianópolis, vol 17, n. Especial, p. 23-47, Jul/Dez 1999.

VITÓRIA, Telma. Representações de Educadores sobre as mães e famílias das crianças da creche, 1997. 121f.. Dissertação (Mestrado em Saúde Mental) Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.